

# O burburinho anônimo do Congresso

BRASÍLIA — Fábrica de leis, espaço democrático, casa do povo, ou a definição que se queira dar, o Congresso Nacional, sede da Assembléia Nacional Constituinte, abriga em seus 230 mil metros quadrados muito mais do que possa supor o mais atento consumidor diário dos noticiários dos jornais, rádios e televisões. O prédio que a sociedade brasileira conhece internamente através das imagens diárias produzidas pelos fotógrafos e cinegrafistas é uma cidade superior em população, modernização e movimento a muitos municípios considerados grandes.

Por trás dos debates de plenário e das reuniões, solenidades e rituais políticos, o Congresso Nacional esconde um universo humano de ansiedade, aspirações, operações financeiras, saúde, comércio e ilegalidades, que em nada devem aos demais centros sociais do Brasil. Câmara e Senado juntos somam 20 mil funcionários, servidos por três bancos — dois estatais e um privado (Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e Crédito Real) — quatro restaurantes e três lanchonetes, mais pontos de cafezinho e chá, barbearias, espaços de exposições, polícia própria, centros de saúde, 650 gabinetes de trabalho e uma população flutuante, diária, de 15 mil pessoas — ampliada na Constituinte para, pelo menos, 35 mil.

E nesse espaço que, após o advento da Nova República, circulam com desenvoltura impressionante representantes da UDR, CUT, banqueiros, comerciantes, engenheiros, médicos, misturados a parlamentares e jornalistas de todas as raças e tendências. Há movimentos como os do negro, feminista, da juventude, dos aposentados, dos ambulantes e muitos outros.

Nesse universo rico de tipos é visível, porém surdo, o movimento de camelôs, bicheiros, vendedores, profissionais autônomos de diversas atividades — de alfaiates a cabeleireiros.

Os números são impressionantes e coletados com zelo pelo Diretor-Geral da Câmara, Aldemar Sabino. Ele descobriu, por exemplo, que são consumidos 600 quilos de café e 1.200 quilos de açúcar por semana, o que



dá uma média de três mil cafezinhos por dia. Por posto de serviço, o volume é de 50 quilos de café por semana e de 70 quilos de açúcar. Para os mais cuidadosos com a alimentação, existe o serviço de chá, que consome, em média, 500 saquinhos por dia.

Um dos restaurantes, o do Anexo IV, onde fica a maioria dos gabinetes de deputados, vendeu somente em abril 6.115 refeições, numa média de 339 por dia, marca altíssima se considerado que ele abriu somente 18 dias, por causa dos sucessivos feriados do calendário brasileiro. Nos restaurantes de preços mais baratos

a venda de refeições chegou a 39.914 no mês passado. Desse total, 29.109 foram vendidas no chamado "bandejão", o que dá uma média diária de 1.532 refeições, ao custo de 150 cruzados cada uma, formando uma fatura de CZ\$ 96 mil por dia ou CZ\$ 2,8 milhões por mês.

No restaurante com sistema self-service foram vendidas, em abril, dez mil refeições, por 200 cruzados cada, numa média de 500 por dia. Nas lanchonetes, contudo, o movimento é bem maior e variado. Quando ela é próxima ao plenário, o volume de vendas cresce. Nos mesmos dias em que funcionaram os restaurantes, foram vendidos 12.397 sanduíches, sendo que, destes, 7.618 nas lanchonetes próximas ao plenário. O consumo de refrigerantes foi de 7.192. Os sucos foram vendidos a 6.688 pessoas, sendo 3.562 nas lanchonetes próximas ao plenário. Já as vitaminas não têm a preferência dos freqüentadores do Congresso: o consumo é pequeno, atingindo 3.557, sendo duas mil próximas ao plenário. Para atender a todo esse grupo de lanchonetes há 191 funcionários, entre garçons, cozinheiros e balconistas.

O problema agora é atender aos naturalistas, em número cada vez maior: eles exigem a abertura de um restaurante. A reivindicação ganhou impulso quando o deputado e médico Vitor Buaiz (PT-ES) defendeu a tese de que a maioria dos constituintes se ressentia da falta de uma alimentação equilibrada. Este deputado puxa também a corrente de antitabagistas, criada pelo senador Lourival Baptista (PDS-SE).